

O MANUAL DOS FIÉIS DO AMOR

Autoria: Shihabuddin Yahya Suhravardi (1154-1191)

Traduzido do persa e árabe para o francês por Henri Corbin

Em Nome de Deus, o misericordioso. “Desejamos contar a mais bela das histórias ao revelar este livro”
(Corão 12/3). Estes dísticos:

Sem ti, eu não teria conhecido a paixão.
Sem a paixão, eu não teria te conhecido.
Sem o Amor e a dor do Amor,
Quem poderia compreender
Estas belas palavras que tu proferiste?
Sem o sopro do vento para adejar os cabelos,
Quem mostraria ao amante o semblante do amado?

1. A tríade Beleza, Amor e Saudade¹

Saiba que o primeiro ser que Deus criou foi uma essência de luz, cujo nome é Inteligência (*Nous, Aql*). Esta tradição diz, “O primeiro ser que Deus criou foi a Inteligência”. E Deus altíssimo, dotou essa essência de três propriedades: o conhecimento de Deus, o conhecimento de si mesma, e o conhecimento do fato de que, antes, ela não existia e, em seguida, passou a existir². Por parte das propriedades que se associam ao conhecimento de Deus, foi manifestada a Beleza. Das propriedades que se relacionam com o conhecimento de si mesma, foi manifestado o Amor, cujo nome em persa é *Mihr*³. Das propriedades que se relacionam com a anterioridade de seu não-ser sobre o seu ser, foi manifestada a Saudade.

E estes três seres, Beleza, Amor e Saudade, nascidos de uma mesma fonte original, são irmãos⁴ um do outro. A Beleza que é a primogênita, contempla a si mesma. Ela tem a visão dela própria como sendo o Bem Supremo; a alegria nasce nela, e ela sorri. Então, milhares de anjos das mais altas estaturas foram manifestados, eclodindo desse sorriso. O Amor, o irmão do meio, era o companheiro da Beleza. Ele não podia afastar dela o seu olhar, e permaneceu como um servidor assíduo a seus préstimos. Quando pode divisar o sorriso da Beleza, ele foi tomado por uma vertigem de loucura, e ficou perturbado. Ele desejou fazer um movimento e viajar. Mas a Saudade, a mais jovem das irmãs, se prendeu a ele. E desta ligação da Saudade estreitando o Amor, nasceram o céu e a terra.

¹ O texto de Suhravardi é dividido em capítulos. Observamos a mesma divisão, mas os subtítulos dos capítulos são do tradutor.

² Tem origem na doutrina de Avicena, dos três atos de contemplação de cada uma das Inteligências hierárquicas. Aqui, de certa forma, observamos a passagem de uma doutrina teoricamente enunciada para uma doutrina que é um evento da alma.

³ *Mihr* é a forma persa do nome Mitra.

⁴ Não há gênero gramatical em persa. Não há dificuldade, portanto, em representar a Beleza, o Amor, a Saudade como três "irmãos". José e Zuleica serão "irmão e irmã".

2. A entronização de Adão

Quando, depois, o Adão terrestre foi criado - sobre ele a bênção e a saúde -, espalhou-se o rumor até o Pleroma Supremo⁵ que havia sido organizada uma natureza constituída de quatro elementos opostos. Subitamente, o arquiteto que havia concebido o plano, colocou o compasso da realização sobre a superfície do solo. Uma forma muito bela apareceu. As quatro naturezas inimigas uma das outras foram submetidas ao poder dos sete migrantes que são os comandantes da elite⁶, de modo que eles foram colocados em cativeiro dentro da prisão de seis lados⁷. Depois que *Jamshid e-Khorshid*⁸ havia aparecido quarenta vezes no horizonte, dando voltas ao redor do centro, e que quarenta manhãs haviam passado⁹, o revestimento da condição humana foi atirado no colo dessas naturezas, embora essas quatro naturezas não fossem mais que uma única.

Depois que a novidade da existência de Adão se espalhou dentro do *Malakut*¹⁰, um grande desejo de vê-lo surgiu em todos seus habitantes. Foi exposta a situação à Beleza. Ela, que era a Soberana, declarou: “Convém que eu seja a primeira a fazer uma cavalgada até lá. Se me for agradável, lá ficarei por alguns dias. Em seguida, sigam os meus passos”.

A Beleza, a Soberana, cavalgando a montaria da magnificência, dirigiu-se então à corte¹¹ da existência de Adão. Ela encontrou um local deleitável, cativante, e encantador ao coração. Ela desceu de sua montaria e se apoderou da totalidade de Adão, a ponto de não deixar qualquer espaço onde ela não existisse.

Depois que o Amor teve conhecimento da partida da Beleza, ele abraçou a Saudade e se pôs em sua busca. Os habitantes do *Malakut* foram informados disso, e todos juntos os acompanharam seguindo seus vestígios. O Amor alcançou o reino de Adão. Ele percebeu que a Beleza havia posto o diadema da magnificência sobre sua cabeça, e se sentava sobre o trono da existência de Adão. O Amor desejou que ali houvesse um lugar para ele também. A sua testa colidiu com o muro do estupor, e ele cambaleou. A Saudade o tomou pela mão. Quando ele recuperou a visão, viu os habitantes do *Malakut* profundamente perturbados. Ele voltou-se para eles e todos lhe renderam homenagem; todos o reconheceram como seu Soberano e, juntos, se dirigiram para a corte da Beleza.

Quando eles estavam muito próximos, o Amor, que era o Comandante, cedeu o comando à Saudade. Ela ordenou que todos beijassem o solo, porque eles não tinham força necessária para se aproximar mais. Quando o olhar dos habitantes do *Malakut* recaiu sobre a Beleza, todos se prostraram e beijaram o solo, como o versículo declara, “todos os anjos o adoraram”.

⁵ "Pleroma Supremo" foi traduzido literalmente de *Mala-ye a'ld*.

⁶ As “quatro naturezas inimigas” são os quatro Elementos. Os Migradores são os planetas. Quanto ao termo que designa os “comandantes de elite”, é emprestado do vocabulário da antiga cavalaria iraniana, assim como *Núr Espahbad* para designar a alma pensante que comanda o corpo.

⁷ Ou seja, o corpo humano, encerrado como qualquer volume corporal nas “seis” dimensões (acima e abaixo, direita e esquerda, frente e atrás).

⁸ A palavra *Khorshid* designa em persa o Sol. Aqui é adicionado o nome de Jamshid, o grande herói da pré-história iraniana, “o ideal de todo poder e todo esplendor”. Ambos os nomes contêm o mesmo elemento que designa brilho, esplendor. A tradição diz que quando Jamshid chegou ao Azerbaijão, o sol nascente estava no primeiro grau de Áries; seu brilho acendeu a coroa e o trono de Jamshid.

⁹ Alusão à famosa tradição da antropogênese. Não é uma avaliação cronológica.

¹⁰ O *Malakut* pode designar todo o mundo espiritual, o mundo sagrado do Anjo. Mais estritamente, o *Malakut* é o mundo da Alma (abrangendo o *mundus imaginalis*), enquanto o *Jabarut* é o mundo das Inteligências.

¹¹ *Shahrestan* designa uma grande cidade fortificada. A palavra alemã *Burg*, dos épicos cavaleirescos, traduziria melhor.

3. A entronização do jovem José

A Beleza já havia se colocado a caminho há algum tempo, abandonando o castelo da existência de Adão. Ela havia retornado ao mundo que era seu, e mantinha-se na expectativa de que se manifestasse um sinal que lhe indicasse o lugar onde seria conveniente fazer a sede de sua magnificência. Quando chegou a vez de José, novamente, a ele foi conferida a Beleza. Imediatamente, ela se pôs a caminho. O Amor tomou a Saudade pela mão e procurou encontrar-se com ela. Quando se aproximou, viu que a Beleza havia se confundido tão intimamente com o jovem José, que não era mais possível haver separação entre ambos. O Amor suplicou à Saudade para que ela batesse à porta com o anel da humildade. Da corte da Beleza, uma voz perguntou: “Quem está aí?” O Amor, em resposta, deixou a eloquência de seu estado¹² falar, “Um aprendiz de coração dolorido, bem diante de ti - desafortunado! – que partiu seguindo seus passos, e foi conduzido até o fim”. A Beleza não se importou. Ela permaneceu indiferente a sua súplica¹³, e o Amor, tristemente, declamou estes versos, “Uma vez que ninguém pode me defender, não te mostres assim tão dura, já que não tenho forças para suportar tua aspereza”. Mas, tendo escutado esta súplica, a Beleza respondeu com frieza, “Oh Amor! Findo é o tempo que tu fazias a minha alegria. Hoje não tenho mais lembranças de ti”.

O Amor, tendo perdido a esperança, tomou a mão da Saudade e voltou seus passos para os desertos da perplexidade. Ele murmurava¹⁴ estes versos para si mesmo, “Não há poder que alcance sucesso em chegar até ti! Que minha alma esteja só para queimar de tristeza por ti! Chegou o dia de definhar em antecipação. Afasto-me; mas, que ninguém venha usurpar de mim este dia”¹⁵.

Tendo sido consumada a separação com a Beleza, a Saudade disse ao Amor, “Estamos juntos a serviço da Beleza. E dela que obtivemos a nossa *khirqa*¹⁶; ela é nosso mestre espiritual. Agora que ela nos rejeitou, eis a conduta a seguir. Que cada um de nós siga o seu caminho e, para nos afastar, devemos realizar uma longa jornada. Vamos nos engajar por algum tempo, com firmeza, nos combates deste mundo. Vamos usar o colar da resignação. Vamos realizar os *ra'kas*¹⁷ que devemos ao decreto e destino, sobre o tapete colorido. Pode ser que com a cooperação dos sete mestres espirituais solitários¹⁸, que são os tutores do mundo da geração e corrupção, possamos novamente chegar à presença da Beleza.” Tendo tomado essa decisão, a Saudade se dirigiu à Canaã e o Amor tomou o caminho do Egito.

¹² *Zaban-e hal*. É deixar falar o estado ou o aspecto sob o qual se apresenta, sem dizer uma palavra (por ex., quem está encharcado da cabeça aos pés não precisa dizer que está saindo da água).

¹³ Literalmente: “A Beleza colocou a mão da indiferença no peito da demanda”. Uma tradução que reproduza todas essas expressões em persa nem sempre seria uma tradução tolerável em francês.

¹⁴ Em persa, a palavra *zamzama* designa uma leitura religiosa. Mais exatamente, designa o murmúrio das orações pronunciadas pelos zoroastras na hora das abluções, refeições, etc.

¹⁵ Entendemos que ninguém além do Amor espera alcançar a Beleza. Consideramos aqui em uma anedota da vida de Ruzbehan Baqli de Shiraz. A primeira vez que ele estava prestes a subir ao púlpito como pregador em Shiraz, ele ouviu uma mãe aconselhando sua filha a esconder sua beleza. Ele parou para lhe dizer: “Madame, a beleza não suporta ser isolada na solidão; todo o seu desejo é que o amor se junte a ela, pois na pré-eternidade a beleza e o amor trocaram a promessa de nunca se separar”, O romance místico de José e Zuleica é precisamente o drama da ruptura do pacto de união entre a Beleza e o Amor e a iniciação no caminho do reencontro.

¹⁶ *Khirga*: o manto que um mestre espiritual coloca em seu discípulo, como sinal de sua investidura mística. Já notamos, acima, no Tratado VII, o uso do léxico de companheirismo emprestado do Sufismo para caracterizar as relações entre os seres espirituais à maneira de uma fraternidade iniciática. Aqui é a Beleza que é o mestre espiritual (*pir*). *Jamal-parastl* (o culto da Beleza) é sustentado por uma pedagogia espiritual baseada nas relações entre as três figuras da tríade. O tom é o mesmo de Ruzbehan.

¹⁷ Inclinação do corpo durante a Oração Canônica, de modo que as palmas das mãos repousem sobre os joelhos.

¹⁸ Estes são os governantes dos sete planetas cujo curso altera o rumo das coisas neste mundo.

4. A Saudade é acolhida por Jacó

O caminho da Saudade à conduziu para perto. Em uma etapa, ela chegou em Canaã. Ela abriu a porta da vila e inquiriu sobre um mestre espiritual com quem ela poderia passar alguns dias. Ela ouviu falar de Jacó de Canaã. Ela apareceu de improviso no umbral de seu oratório. O olhar de Jacó caiu sobre ela. Ele viu um viajante cujo semblante lhe era familiar e sobre o qual estava visível a marca do Amor (*Mihr*)¹⁹. “Seja bem-vindo”, ele disse. “Que mil alegrias saúdem a tua chegada! Diga-me, sem entrar em detalhes, de que região tu vens, para honrar minha morada?” A Saudade respondeu, “Venho do clima de *na khoja abad*²⁰, da cidade dos puros seres espirituais.”

Jacó estendeu cortesmente o tapete da paciência e convidou a Saudade a tomar lugar. Ele mesmo tomou o seu lugar ao seu lado. Alguns dias passaram. Uma tal intimidade nasceu entre Jacó e a Saudade que ele não conseguia ficar sequer um momento sem ela. Tudo o que ele possuía, ele doou a Saudade. Primeiramente, ele lhe deu de presente, o brilho de seus olhos negros, já que está escrito, “seus olhos embranqueceram de tanta tristeza” (Corão 12/84). Ele chamou seu oratório de Mansão da Saudade²¹. Dístico: “O que temer do inimigo, já que és meu companheiro? - e que, na separação, tu permaneces meu confidente?”

5. O Amor é acolhido por Zuleica

Por seu lado, o Amor, desesperado, seguiu em direção ao Egito. De duas etapas ele fez uma, para chegar mais depressa, e irrompeu no grande bazar. Dístico: “O Amor, em um belo dia, fez sua aparição - tumulto e perturbações se ergueram frente à beleza deste ídolo. Para o que serve o intelecto, diante do amor com seu passo gracioso? Para o que serve a paciência, diante do surgimento do amado? O nome de meu coração - banido por tantos anos -, diante de tais cabelos perfumados com almíscar, reapareceu”.

Os suspiros preencheram a vila de Misr. As pessoas se reuniram. O Amor, como um *qalandar*²² que desistira de todo o pudor, passava diante de cada face, contemplava cada jovem beleza, e a cada canto perguntava onde descansar seu coração²³. Mas, ninguém lhe respondia. Enquanto ele buscava minuciosamente o palácio de Misr, ele passou diante do oratório de Zuleica.

Quando Zuleica percebeu sua chegada, ela se pôs de pé. Voltou-se ao Amor e lhe perguntou, “Oh, mil vezes querido! Que eu seja o teu resgate! De onde vens? Para onde vais? Por qual nome és chamado?”

O Amor respondeu, “Venho do Templo²⁴. Venho da região que é o país do espírito, pelo caminho escarpado da Beleza. Posso uma morada nas vizinhanças imediatas da Saudade. Minha profissão é a de

¹⁹ Sobre este significado do nome persa Mitra, cf. L. H. Gray, *The Foundations of the Iranian Religions*, Bombaim, p. 96.

²⁰ Como o Anjo, nas histórias anteriores, a saudade aqui vem de *Na-koja-abad*, a “terra do não onde”, o “oitavo clima”. Sobre este termo persa cunhado por Suhrawardi, ver *En Islam Iranien*, tomo IV, e aqui, até o índice no final deste livro. Quanto a *Shahr-e Pakán*, a cidade será designada abaixo como “o Templo” ou como a “Morada do Espírito”.

²¹ *Bayt-e Ahzdn*

²² Em suma, um dervixe andarilho que renunciou a tudo neste mundo, família, filhos, posses, etc. Sobre a explicação da palavra, veja a longa nota de Moh. Mo'in em sua edição de *Borhdn-e QAe'*, t. III, pág. 1540-1541. Tudo está longe de ser claro ainda.

²³ É o Amor que levará Zuleica à autoconsciência: o Amor na busca pela Beleza será tipificado no relacionamento de Zuleica com o jovem José.

²⁴ *Bayt al-Maqdis (al-Moqaddas)*, propriamente “o Templo”. A expressão comumente se refere a Jerusalém. Só pode ser uma questão aqui da Jerusalém celestial. No entanto, para reunir tudo o que pertence à espiritualidade do “Templo”, vale a pena traduzir o termo por esta última palavra. Ver o nosso estudo sobre *L'a Imago Templi*, em

viajante. Sou um sufi sem ligações²⁵. A cada instante parto numa direção qualquer. A cada dia, eu realizo uma etapa, e a cada noite faço minha morada no lugar de parada. Se estou entre os árabes, chamam-me *Ishq*; se estou entre os persas, chamam-me *Mihr*. Nos céus, minha reputação é de ser aquele que coloca em movimento²⁶. Sobre a terra, sou conhecido como aquele que imobiliza. Embora eu seja muito antigo, ainda sou um adolescente. Embora seja pobre, sou de alta linhagem. Longa é minha história, mas, 'meu recital se estende para longe, enquanto você se afunda no tédio'. Somos três irmãos criados dentro da doçura, e jamais experimentamos a indigência. Mas, se eu lhe disser as condições que reinam em nosso país, eu descreveria as maravilhas que ali se encontram, e tu não serias capaz de compreendê-las, já que elas ultrapassam tua faculdade de percepção. É um reino longínquo, nos limites mais afastados de todos os nossos reinos. Nove etapas o separam de sua terra. A história²⁷ deste reino longínquo, de tal forma que seja acessível a tua compreensão, eu vou lhe contar”.

6. O Castelo Fortificado da Alma

(i) “Saiba que acima deste domo de nove cúpulas superpostas, existe um que se chama o Castelo Fortificado da Alma. Ele está rodeado por uma muralha poderosa e por trincheiras grandiosas. No portal deste castelo está, a serviço, um jovem mestre espiritual²⁸, cujo nome é Sabedoria Eterna²⁹. Ele está perpetuamente viajando; mas, ele nunca sai de sua morada³⁰. Ele é dotado de uma memória perfeita³¹. Ele sabe ler o livro divino. Sua eloquência é imensa; mas, apesar dela, ele é mudo. Ele atravessou anos enumeráveis; apesar disso, ele não demonstra em nada o peso dos anos. Ele é extremamente antigo; apesar disto, nenhuma debilidade o alcança.

“Eranos-Jahrbuch”, 43/1974. Esta é a mesma resposta que Hayy ibn Yaqzân dá a Avicena. Em Suhrawardi a palavra é equivalente a *na-koja-abad*, o país ou mundo do não onde, ou, como vemos aqui no texto, a *Rahdbad*, o país ou o mundo espiritual, um espaço, mas “sem lugar” neste mundo.

²⁵ *Mejarrad*, separado. Explicamos por que também traduzimos anteriormente esta palavra etimologicamente por “anacoreta espiritual”.

²⁶ Uma vez que é devido a uma onda de amor pela Inteligência da qual procedem, que cada uma das Almas Celestes (*Anima celestes*) colocam seu céu em movimento. Vimos acima que a Beleza corresponde à Inteligência Arcangélica, o Amor à *Anima celestis*, e a Saudade ao céu (Esfera) que esta *Anima* envolve em seu movimento.

²⁷ *Hikayat*. Já insistimos longamente neste termo aqui. Veja o índice deste livro s.v.

²⁸ *Piri javán* (a palavra *pir*, xeique, implica claramente a ideia de posição espiritual, não a de velhice). Vimos acima que o comentário persa cometeu um grave erro ao dividir: *piri o javani*. É então impossível encontrar o caminho de volta para o Castelo da Alma.

²⁹ Este jovem sábio ou mestre espiritual não é outro senão o Anjo do encontro nos relatos anteriores (Tratados VI e VII), o Anjo do Sinai (Tratado VIII). É o Anjo-Espírito Santo, Gabriel, o Arcanjo púrpura, Anjo da raça humana, aquele que polariza a especulação e devoção dos *Ishragiyuns*. Em outro tratado, ele convida o cavaleiro a se aproximar, exatamente como Gabriel faz em uma das histórias anteriores (Tratado VII). O nome que o designa aqui é muito característico (*Javidán Kharad*: Sabedoria Eterna) e liga *eo ipso* esse aspecto fundamental da angelologia *Ishraq* à sofologia. Pode-se pensar no título de uma famosa obra em pahlavi: *Menoke-Xrat* (um diálogo do sábio com a Sabedoria celestial). Na escola de Azar Kayvân (aquele que no século XVI deu a resposta zoroastra a Suhrawardi) conhecemos um tratado do rei Hoshang também com o título de *Javidan Kharad*, ef. Em *Islan iranien*, t. II, pág. 353-360.

³⁰ Essa migração imóvel já foi uma característica apontada nas narrativas anteriores.

³¹ É um *hafiz*, um termo que designa alguém que conhece o Alcorão de cor. Daí a seguinte proposição: “Ele sabe ler o Livro divino”, este sim é entendido eminentemente por Gabriel, como Anjo da revelação comunicando o Livro divino ao profeta. Mas há um tom esotérico aqui. Como nos referimos ao Tratado VII, o momento em que o Anjo cobre a tábua do visionário com sinais e lhe ensina a ciência mística das letras, a ciência dos cabalistas. Só então o discípulo “sabe ler o Livro divino”. Mesma indicação abaixo no Tratado XII. - O quatro e o seis: cf. acima do n. 6 e 7. A partir daqui começará a travessia do microcosmo cujos estágios são visualizados na forma proposta pela memória ou pelo estado interior.

Que aquele que venha a alcançar o Castelo da Alma, rompa os quatro arcos com seis cordas. Que do amor, ele teça um laço. Que coloque a sela da castidade sobre o ginete do desejo ardente. Que com o bastão do jejum, ele estenda sobre seus olhos, o colírio da viglância. Que ele empunhe a espada da gnose, e que se ponha em busca do caminho do microcosmo. Que ele penetre na região do norte, e alcance o quadrante habitado da terra. Quando ele se aproximar dos limites do microcosmo, ele verá surgir uma cidadela contendo três etapas.

(ii) No primeiro estágio estão dispostas duas lojas. Dentro da primeira, está disposto um trono de água, sobre o qual senta-se um personagem cuja natureza se inclina em direção ao úmido. Sua faculdade de penetração é imensa, mas o esquecimento o domina. Qualquer forma³² que tu apresentas a ele, ele acolhe, mas dela não permanece nenhuma recordação.

Na vizinhança, dentro da segunda loja, está disposto um trono de fogo, sobre o qual senta-se um personagem cuja natureza se inclina em direção ao seco. Ele é engenhoso, mas, impuro. Ele pode compreender lentamente o desenvolvimento dos símbolos, mas depois que compreendeu, aquilo não mais sai de sua memória. Assim que ele percebe o recém-chegado, busca elogiá-lo e tenta seduzi-lo através de todo tipo de coisas reluzentes. A cada instante, se oferece a ele sob uma nova forma. É importante que o cavaleiro não lhe preste nenhuma atenção. Que ele permaneça no domínio de sua montaria e siga em direção ao segundo estágio.

(iii) Nesse segundo estágio, existem igualmente duas lojas. Dentro da primeira está disposto um trono de ar, sobre o qual senta-se um personagem cuja natureza se inclina para o frio. Ele gosta de mentir, caluniar, dizer bravatas tolamemente, assassinar e afastar-se do caminho correto; sem cessar, ele julga as coisas das quais nada sabe.

Na sua vizinhança, dentro da segunda loja, está disposto um trono de vapor, sobre o qual senta-se um personagem cuja natureza se inclina para o calor. Ele observa e experimenta bastante, tanto o bem quanto o mal. Às vezes, ele aparece revestido dos atributos dos anjos; outras vezes, revestido dos atributos dos demônios. Nele existem coisas maravilhosas. Ele conhece os encantamentos benéficos, e é dele que se aprende a magia³³. Depois que ele percebe a chegada do viajante, ele se excede em elogios. Coloca os seus braços ao redor dos ombros dele, e se esforça em fazê-lo perecer. Que o cavaleiro erga sua espada; que ele o aterrorize com ela, de forma que o outro fuja.

(iv) Assim que o cavaleiro alcança o terceiro estágio, ele vê uma loja atraente. Dentro dessa loja está disposto um trono de terra pura. Sobre esse trono senta-se um personagem cuja natureza está próxima do equilíbrio perfeito. A reflexão (*fikr*) predomina nele; uma pilha de bens confiados está acumulada junto a ele, e ele nunca trai aquele que nele confia. Toda aquisição realizada através de sua companhia (alojada nos estágios inferiores) lhe é confiada em depósito, para que se possa fazer proveito dela em outro momento.

Depois que o cavaleiro terminou esse estágio e se colocou novamente a caminho, eis que cinco grandes portas se apresentam a ele.

(v) A primeira porta tem duas aberturas, e dentro de cada uma delas está disposto um trono alongado em forma de amêndoa. Duas cortinas estão suspensas diante do trono; uma negra e a outra branca, e numerosos ligamentos estão suspensos frente à porta. Existe um personagem que se senta sobre os dois tronos. Um vigia está ligado a ele; ele pode observar o caminho a distância sem, entretanto, sair do

³² Este é o *sensorium*, já mencionado várias vezes (veja o índice deste livro). Para os detalhes dos símbolos que se sucedem durante este capítulo VI, consulte a síntese do comentário persa dado acima.

³³ Encontramos aqui o conceito da imaginação ativa, que pode ser ora anjo, ora demônio. Esta é toda a metafísica da Imaginação e do imaginal, já esboçada no Tratado III, Capítulo XII.

lugar. Qualquer que seja o lugar para onde ele deseja se transportar, mesmo que a grande distância, ele chega com a rapidez de um relâmpago. Quem quer que venha até ele, não passa pela porta despercebido; e se em algum lugar surgir uma violação, ele rapidamente repercute a notícia.

(vi) Depois, o cavaleiro alcança a segunda porta. Esta também tem igualmente duas aberturas. Cada abertura antecede uma longa galeria de circunvoluções talismânicas. Na entrada de cada vestibulo está disposto um trono circular. Um personagem senta-se sobre os dois tronos. Ele se chama o 'informante'. Ele dispõe de um mensageiro que está sempre em marcha. Toda a forma que vem a ser produzida, o mensageiro tem ordem de captá-la e transmiti-la a ele, para que ele tome conhecimento dela. Ele tem a ordem de relatar rapidamente tudo o que percebe. Entretanto, qualquer que seja a forma, ele não a acolhe com indiferença, nem se desvia dela, não importa qual seja.

(vii) Dali, o cavaleiro alcança a terceira porta. Esta terceira porta antecede igualmente duas aberturas. A cada uma destas aberturas, segue-se uma longa galeria; as galerias estão dispostas de tal maneira que se juntam em uma única loja, e dentro desta loja estão dispostos dois tronos. Sobre os dois tronos senta-se um personagem. Ele dispõe de um servidor que se chama 'Vento'. Todos os dias, ele faz o giro do mundo e, de tudo que ele percebe, seja agradável ou desagradável, ele traz uma porção. O personagem saboreia tudo e, de tudo, ele faz o uso que pode. Ele pode dizer ao mensageiro para diminuir suas rondas, temendo que o circuito que ele faz torne-se excessivo.

(viii) Desta porta chega-se à quarta. Esta quarta porta é mais vasta que as três primeiras. Nela existe uma fonte de água fresca, e ao redor desta fonte, um muro de pérolas. No meio da fonte existe um trono essencialmente móvel. Sobre esse trono senta-se um personagem que é chamado de 'Provador'³⁴. Ele discerne entre as quatro qualidades contrárias e tem o poder de separá-las e colocá-las em ordem. Dia e noite ele se dedica a esta função. Mas, a ele foi ordenado que se encarregasse dessa função apenas na medida da necessidade.

(ix) Dali, finalmente, se alcança a quinta porta. Esta se encontra ao redor do castelo do microcosmo. Tudo que existe dentro dele encontra-se, de fato, compreendido dentro desta porta. Ao redor de todo microcosmo está disposto um tapete. Sobre esse tapete senta-se um personagem, de tal forma que ele ocupa inteiramente esse tapete. É ele que está a cargo de julgar os oito contrários e de manifestar a diferença entre eles. Em nenhum momento ele negligencia esta função. Ele é chamado de 'Diferenciador'³⁵. Às vezes, ele ordena que o tapete seja enrolado e a porta fechada.

(x) Depois que atravessou as cinco portas, o cavaleiro alcança o centro do castelo que é o microcosmo, e se dirige para a floresta. Depois que a penetra, ele vê um fogo abrasador. Um personagem está sentado e cozinha algo sobre este fogo, enquanto que um segundo personagem atiza o fogo, e um terceiro segura aquele algo com força, até que o cozimento tenha sido alcançado. Existe um outro que separa o resíduo e o elemento sutil, e coloca de lado aquilo que fica no fundo da panela. Um outro remove isto, e o compartilha com os habitantes do castelo. Ele confere ao sutil aquilo que é o mais sutil; ao denso, ele confere aquilo que é mais denso. Existe ainda um outro personagem de alta estatura. Ele presta atenção em quem terminou de se alimentar, e o puxa para cima.

No centro da floresta se encontra um leão e um javali³⁶. O primeiro está ocupado dia e noite a matar e destruir. O outro está ocupado a pilhar, devorar e beber. Que o cavaleiro desenrole o laço das correias de sua sela e que o lance em seus pescoços; que os amarre fortemente e os atire longe, juntos.

³⁴ *Tehashnigir*, aquele que se encarrega de "testar" alimentos e bebidas, antes que o príncipe os consuma.

³⁵ *Mefarriq*, separador, distribuidor. Variante: *mo'arrif*, aquele que dá a conhecer, dá notícias (o apresentador, o mestre de cerimônias).

³⁶ Estes são "os dois maus companheiros" contra os quais adverte a "Narrativa de Hayy ibn Yaqzan" de Avicena.

(xi) Que o cavaleiro abandone agora as rédeas de sua montaria. Que ele a anime com sua voz, e que, de um só impulso, se dirija aos nove desfiladeiros. Desta vez, ele alcança o grande portal do castelo da Alma. Neste momento, ele vê um Sábio que o saúda³⁷ e que, em um gesto cortês, o convida a aproximar-se. Ali mesmo existe uma fonte que se chama 'Fonte da Vida'³⁸. Que ele faça suas abluções. Depois que ele encontrou a Fonte da Vida Eterna, ele pode aprender e compreender o livro divino.

(xii) Acima desse castelo, elevam-se vários outros castelos³⁹. O sábio mostra ao cavaleiro o caminho que conduz a todos, e o inicia em seu conhecimento

Mas, se eu te contasse a história⁴⁰ dos castelos e a comentasse, tu não poderias compreendê-la. Não acreditarias em mim e submergirias no mar do estupor. É por isso que me limito a este breve recital. Mas, se compreendeste aquilo que te disse, que a paz esteja sobre a tua alma”.

7. O Amor guia Zuleica para o jovem José

O Amor havia encerrado o seu recital. Então, Zuleica colocou novamente a questão, “Mas a razão da tua vinda para cá, longe do teu reino, qual é?” O Amor então retoma o recital. “Éramos três irmãos. À primogênita, foi dado o nome de Beleza. Foi ela que nos educou. À nossa irmã mais jovem, deu-se o nome de Saudade. Ela sempre esteve na minha companhia. Estivemos os três sempre juntos, e estávamos bem. Mas, eis que subitamente, uma notícia se espalhou dentro de nosso reino, proclamando: no mundo terrestre, eis que um novo ser surgiu! Este ser - oh maravilha! - é tanto celeste quanto terrestre, tanto corporal quanto espiritual. Ele recebeu, como partilha, as bordas da terra e, portanto, foi designado para ele um retiro em nosso reino. Entre os habitantes de nosso reino, nasceu um grande desejo por vê-lo. Eles se agruparam ao meu lado e buscaram conselho comigo. Eu expus a situação para Beleza, que era nosso guia e chefe. ‘Tenha paciência’, disse ela, ‘chegou o momento de eu mesma ir e dar uma olhada. Se ele me agrada, eu vos chamarei’. E todos nós lhe dissemos, ‘À suas ordens’.

Em uma única etapa, na Beleza alcançou o castelo de Adão. Ela ficou encantada com o lugar e ali fixou sua morada. Nós partimos por conta própria, seguindo suas pistas. Mas, quando estávamos nos aproximando, não tivemos forças para nos juntar a ela; todos nós titubeamos, e alguns definharam em

³⁷ Trata-se, portanto, novamente do "jovem sábio" (*pir-e javan*) cujo nome nos foi dito no início do capítulo era *Javidan Kharad* (Sabedoria Eterna, acima n. 29) e que ele guardava o portal da Castelo da Alma, ou seja, do mundo espiritual. Ele não é outro senão o Anjo da humanidade (Rabb al-nu al-insani), Espírito Santo e Agente da Inteligência dos filósofos, o “pai celestial” no Livro dos Templos de Luz (Tratado II), o “pai” a quem Suhravardi reconheceu em suas citações do Evangelho de João. O gesto cortês do Anjo é aqui o mesmo de Gabriel no Tratado VII.

³⁸ A “Fonte da Vida Eterna” é o estágio supremo da “viagem iniciática”. Encontramos isso mencionado no final dos Tratados VI e VII. No final do Tratado VIII, surge aos pés do místico Sinai. O banho nesta Fonte confere a imortalidade e a ciência dos segredos do Livro. É o novo nascimento, o nascimento do *puer aeternus* que nunca envelhecerá na temporalidade deste mundo. O tema é inesgotável. Veja *En Islam Iranien...* t. IV, índice s. v. Fonte.

³⁹ Essas fortalezas que se sobrepõem umas às outras são o que o "Recital do Exílio" (Tratado VIII) designa tanto como as montanhas elevando-se nas alturas espirituais acima do Monte Sinai, onde o Anjo da humanidade tem sua morada, seu "oratório". Encontramos aqui o esquema constante do sistema do mundo dos *Ishraqiyinn* e de sua doutrina espiritual, esta grande hierarquia de seres espirituais, ligados entre si, como uma irmandade iniciática, pelo mesmo vínculo do *Nous patrikos* (Pai Nativo), repetindo-se de um para o outro. É somente na companhia e por intermédio do Anjo-Espírito Santo da humanidade que o ser humano pode tentar sua ascensão. O que significa que seu conhecimento é o mesmo que o Senhor ou Anjo de sua espécie alcança, o que não autoriza nem a pretensão nem a identificação com o “Espírito absoluto”. Veja acima a importante n. 43 do Tratado VIII.

⁴⁰ *Hikayat*. Consulte o índice deste livro. O amor é de fato aqui o recitador, o ato da história e o herói do recital. Coordenar com a nota anterior. Vamos vislumbrar o que uma "autobiografia do arcanjo" pode significar.

um canto. E foi assim até agora, quando surgiu José⁴¹, em quem o padrão da Beleza é o mais elevado. Eu e minha irmã mais jovem, cujo nome é Saudade, nos dirigimos para este lado. Assim que chegamos, a Beleza superava em muito tudo que havíamos jamais visto. Mas, ela não nos permitiu chegar perto, a tal ponto que, quanto mais crescia os nossos queixumes, mais crescia sua indiferença para conosco⁴² [...].

Quando compreendemos que sua indiferença para conosco era um fato inquestionável, cada um de nós tomou o seu caminho. Assim, a Saudade seguiu para Canaã, e eu tomei o caminho do Egito”.

Zuleica, tendo compreendido este recital, abriu sua morada para o Amor, que ela considerava como sendo mais caro para ela do que sua própria vida. Assim foi até o momento em que o jovem José chegou ao Egito. Os habitantes do Egito se reuniram. A novidade chegou até Zuleica, que comentou o acontecimento ao Amor. Então, o Amor enlaçou os ombros de Zuleica e os dois partiram para contemplar José.

Ao ver José, Zuleica quis se aproximar dele, mas o pé de seu coração atingiu a rocha do deslumbramento; ela saiu do círculo da resistência; ela desafiou o poder da censura; ela retirou o véu protetor da boa conduta, e mergulhou de um só golpe na melancolia. Os habitantes do Egito puseram-se a caluniá-la. Mas fora de si, ela murmurava esses versos, “Nenhum dano afeta quem revelou seu segredo. Um tal caso como o meu não permanece oculto. Presumo que te amo. Minha paixão ultrapassa tudo o que presumimos”.

8. A Saudade guia Jacó para o jovem José

Tendo José se tornado o primeiro-ministro do Egito, esta novidade chegou em Canaã. Um desejo ardente se apossou de Jacó, que mantinha o seu estado de alma com a Saudade. Esta considerou que seria sábio que Jacó tomasse consigo seus filhos e fosse com eles até o Egito. Jacó confiou à Saudade a função de guia, e tomou caminho para o Egito juntamente com os filhos. Uma vez no Egito, ele abriu a porta do palácio do primeiro-ministro. Subitamente, ele percebeu José na companhia de Zuleica, sentado sobre o trono real. Com o canto do olho, Jacó fez sinal à Saudade. Quando a Saudade viu o Amor reunido à companhia da Beleza, ela caiu de joelhos e se prostrou, com o rosto no chão. Jacó e seus filhos seguiram a conduta da Saudade, e todos se prostraram com a face voltada para o solo.

Então, José se dirigiu a Jacó e disse, “Oh meu pai: eis a interpretação simbólica (*tawil*)⁴³ do sonho que te contei. Eis que vi onze estrelas, além do Sol e da Lua. E os vi prostrando-se diante de mim” (Corão 12/4).

9. Da relação entre Beleza, Amor e Saudade

Saiba que dentro do conjunto dos nomes que se confere à beleza, existe a graça (*jamal*) e a perfeição (*kamal*). Uma tradição nos afirma que Deus altíssimo “é belo e ama a beleza”. Todos os seres espirituais e todos os seres corpóreos buscam igualmente a perfeição, e não seremos capazes de ver alguém que não aspire pela beleza. Assim, medite bem. A beleza - é ela que buscamos; e é para se elevar até ela que todos consomem os seus esforços.

Mas, é difícil o acesso a essa beleza, esse objeto universal de aspiração, já que é impossível chegar a ela sem a mediação do amor⁴⁴. No entanto, o amor não abre a qualquer um, o caminho que conduz a ela;

⁴¹ A história esotérica do mundo é marcada aqui não de profeta em profeta, mas de epifania em epifania da Beleza.

⁴² Drama de uma separação que as palavras de Ruzbehan citadas acima na nota 15 se recusaram a considerar.

⁴³ *Ta'wil* inserindo aqui uma interpretação astral (cf. Gênese 37/9-10) que o romance místico de José e Zuleica já testemunha. Cf. Marc Philonenko, op. cit., pág. 83.

⁴⁴ Há profundo acordo com toda a ética mística de Ruzbehan, cf. *En Islam Iranien...* t. III, livro III, pp. 83 ss. O Manual dos Fiéis do Amor de Suhrawardi daria origem a uma comparação próxima com o misticismo do amor de

ele não se fixa em qualquer que seja a morada; ele não se mostra a qualquer olhar. Se ele constata um sinal de que a pessoa está apta para a felicidade, ele envia a saudade, que é seu confidente e emissário, para que ela possa purificar aquela morada e não deixar ninguém entrar. É este mensageiro, a saudade, que anuncia a chegada do Salomão do amor⁴⁵, e que torna possível compreender essa proclamação, “Formigas, formigas! Entrem em vossas moradas, para que Salomão e seus exércitos não lhes façam mal” (Corão 27/18).

Que as formigas, que são os sentidos externos e os internos, se mantenham firmemente, cada um em seu lugar; eles permanecerão a salvo frente o assalto do exército do Amor, e nem uma desordem irá alcançar o cérebro⁴⁶. Em seguida, é necessário que o amor dê uma volta pela casa; que ele inspecione tudo; e desça até a célula do coração. Ele destrói certas coisas; edifica outras; dá origem a todas as variantes do comportamento amoroso. No final de algum tempo, terminada essa ocupação, ele retorna à corte da beleza. Como se sabe, é o amor - e só ele - que conduz o aspirante ao objeto de sua aspiração. Assim, ele deve se esforçar para se tornar capaz de experimentar o amor; conhecer as etapas e os graus pelos quais os fiéis do amor passam, e dar seu total consentimento ao amor⁴⁷. Somente depois, é que serão conferidas as visões maravilhosas.

10. Do conhecimento e do amor

Depois que o amor alcança o seu apogeu, ele se chama amor ardoroso. O amor ardoroso é um amor que sobrepuja o amor. O amor ardoroso é mais particular que o amor, pois todo o amor ardoroso é amor, enquanto que nem todo amor é amor ardoroso. O amor é mais particular que o conhecimento⁴⁸, e nem todo conhecimento é amor. Do conhecimento, duas coisas opostas podem eclodir: o amor e o ódio. Quando, de fato, o conhecimento estiver em relação com algum objeto que lhe esteja em perfeita correspondência e concordância, seja material ou espiritual, então ele é chamado de Bem Puro, Perfeição Absoluta. É a ele que a alma humana aspira e almeja, desejando que sua perfeição seja realizada.

Pelo contrário, pode ocorrer que o conhecimento se relacione com um objeto que não está nem em correspondência nem em concordância, seja material ou espiritual, e isso se chama de Mal Puro, Deficiência Absoluta. Diante disso, a alma humana foge com horror, sentindo uma aversão absoluta. Do primeiro tipo de conhecimento nasce o amor; do segundo, nasce o ódio.

Existem assim três gradações: o nível do conhecimento, o do amor, e o do amor ardoroso. Mas, não se pode ascender ao mundo do amor ardoroso, que é o mais elevado de todos, sem o conhecimento e o amor - sem que se tenha passado pelos dois primeiros degraus da escada - e este é o sentido oculto desta sentença, “Dois passos e você se reunirá”. Assim como o mundo do amor ardoroso é o ápice do mundo do conhecimento e do mundo do amor, aquele que o alcança representa o ápice dos filósofos realizados e dos teosofistas místicos⁴⁹. Foi a partir deste estado que o poeta disse, “O amor ardoroso

Ruzbehan. Recordamos alguns temas dominantes: a teofania na beleza; o sentido profético da beleza; a fonte pré-eterna de amor, etc. O “Jasmim dos Fiéis do Amor” de Ruzbehan forma a digna contraparte persa dos “Diálogos do Amor” de Léon Hébreu.

⁴⁵ Ou seja, do Amor tipificado na pessoa de Salomão, o que justifica a intervenção do versículo do Alcorão que se segue.

⁴⁶ Imunizado, portanto, em relação ao que hoje é chamado de neurose, psicose, etc.

⁴⁷ *Taslim kardan* é professar o Islã, entregar-se a Deus. O fiel do amor abandona-se ao amor, como princípio de *jamaal-parasit* (religião ou adoração da beleza).

⁴⁸ O conhecimento não é apenas um ato do intelecto. O amor “torna conhecido” seu objeto, que permanece incognoscível sem ele. Assim o é para todos os estados vividos. A posição pode ser chamada de “fenomenológica”.

⁴⁹ É significativa aqui a justaposição do *olama-ye rásikh* (cf. Alcorão 3/5) e do *hokama-ye motaallih*. Ver *En Islam Iranien...* t. IV, índice s. v. *Ta'alah*.

não pertence a qualquer ser humano; ele pertence àquele ser humano que conseguiu concretizar-se como um fiel do amor”.

11. Das profundezas do coração e do amor ardoroso

A palavra *ishq*, atribuída ao amor ardoroso, deriva da palavra *ashaqa*, designando uma planta, a hera, que nasce dentro dos jardins na base das árvores. Ela começa por se enraizar firmemente no solo. Depois, ela cresce e se enrola ao redor da árvore, e o faz tão bem, que ela termina por encerrar a árvore por inteiro. A árvore experimenta um tal sofrimento que a seiva termina por se esgotar em seus veios. A nutrição que lhe vem por meio da água e do ar é capturada pela hera e, finalmente, a árvore enfraquece e seca.

Igualmente no mundo humano (o microcosmo) que reproduz resumidamente o conjunto dos seres, existe uma árvore de porte esguio que está enxertada nas profundezas do coração. No entanto, as profundezas do coração operam seu crescimento a partir do solo do *Malakut*⁵⁰. Tudo o que está nele tem alma e vida, como diz o poeta, “Tudo que tem lugar dentro do *Malakut*, até mesmo a pedra e o torrão de terra, também possui alma e vida”.

Esta profundez do coração é uma semente obtida no solário da morada dos espíritos, que o jardineiro da pré-eternidade e da posteridade plantou no jardim do *Malakut*. Isto é tipificado por este verso, “O espírito procede do imperativo do meu senhor” (Corão 17/87). O próprio jardineiro vigia esta semente com cuidado e zelo, já que “os corações dos homens estão entre dois dedos do Misericordioso, que os giram de um lado para outro, de acordo com seu desejo”⁵¹. A água do conhecimento é a nutrição desta semente, de onde é dito, “É através da água que todas as coisas vivem” (Corão 21/31). E há uma brisa ligeira, à qual esta tradição faz alusão, “Vêm de Deus, os sopros dos dias da vossa duração”⁵². Depois que esta água e brisa alcançam as profundezas do coração, cem mil ramos e asas espirituais brotam dali. Esta doçura e frescor são o sentido oculto desta frase do profeta, “Eu conheço a respiração do Misericordioso que sopra do lado do Iêmen”⁵³.

Esta profundez do coração é chamada de Verbo Excelente⁵⁴, e também, de Árvore Excelente, pois Deus faz da Árvore Excelente o símbolo do Verbo Excelente (Corão 14/29). Existe um reflexo desta árvore dentro do mundo da geração e da corrupção, um reflexo que se chama de sombra, corpo, e também de ‘árvore de porte esguio’. Depois que a árvore excelente cresce e alcança a perfeição, o amor surge, e se envolve ao redor dela de forma que chega a esgotar nela a seiva de vida - e este abraço do amor que encerra a árvore não para de crescer. Então, o reflexo ou sombra desta árvore excelente dentro do mundo corpóreo, este reflexo que se chama ‘árvore de porte esguio’, enfraquece e empalidece, de forma que, de um único golpe, finalmente, ela é arrancada⁵⁵. Então a árvore excelente torna-se a alma

⁵⁰ *Malakut*: o mundo da Alma entre *Jabarut* e *Molk*. A “árvore esguia” é o símbolo do corpo. A “árvore excelente” é o símbolo da alma, ou melhor, da “profundidade do coração”. Quando a hera, que é o amor, sufoca a “árvore excelente” em seu abraço, a “árvore esguia” não pode sobreviver. Daí o motivo místico da morte do amor.

⁵¹ Sobre este *hadith* do 5º Imã, Mohammad Baqir, veja *Safinat Bihdr al-Anwar*, t. II, pág. 7.

⁵² Cf. *Op. metaph.* III, pág. 288, S. H. Nasr refere-se a Ghazall, *Ihya alam al-Din*, Cairo 1312, t. I, pág. 134.

⁵³ *Ibid.*, t. III, pág. 153. Na verdade, este *hadith* é carregado com uma alusão a Oways al-Qarant, epônimo dos Owaysis, aqueles que não precisavam de um mestre humano. Oways era do Iêmen, daí o significado simbólico do Iêmen (cf. a “filosofia iemenita” em Mir Damad). Refere também no “lado direito” (*Yaman*) do vale, onde Moisés vê a Sarça Ardente (acima Tratado III). Cf. *En Islam Iranien...* t. IV, índice s. v. Oways, Owaysis, Iêmen.

⁵⁴ Sobre o conceito de alma como “Verbo”, ver principalmente os Tratados V e VII acima.

⁵⁵ Ver acima n. 50. Lembre-se aqui do tema dos mártires do amor. Cf. o livro de Mogholta'i (ob. 1360) “em memória dos fiéis de amor que deram o Testemunho Verdadeiro (os ‘mártires’)”. Veja Ruzbehan, *Le Jasmin des Fideles d’amour*, pp. 9 ss. da versão francesa. [Há uma tradução do texto para o português feita por ImagoMundi e disponibilizada em <http://www.imagomundi.com.br/site/wp-content/uploads/2020/08/ruzbehan.pdf>]

absoluta. Ela é digna agora de assumir seu lugar dentro do Jardim Divino, e é para ela que se diz, “Ingresse no meio dos meus fiéis; entre dentro do meu paraíso” (Corão 89/30-31).

No entanto, é através do amor ardoroso que a alma irá alcançar esta dignidade e capacidade. O amor ardoroso é digno de conduzir à tal estatura, já que “para Ele se volta o Verbo Excelente; e a obra divina, Ele a eleva em Sua direção” (Corão 35/11). A dignidade é aptidão neste nível. Quando se diz que alguém é digno, isso quer dizer que ele está apto. Assim, embora o amor ardoroso conduza a alma ao mundo da perenidade, ele abandona o corpo ao mundo da aniquilação, já que, no mundo da geração e corrupção não há força necessária para suportar o peso do amor ardoroso. É neste sentido que um grande homem emitiu estes versos, “Terei eu um inimigo importunado pelo desejo de tua união? Possa ele, nem mesmo por um instante, conhecer a alegria. Não, não! Não preciso proferir qualquer outra imprecação contra ele. Pois, mesmo que o inimigo fosse de ferro, para seu suplício, o amor é suficiente”.

12. Do sacrifício necessário

O amor ardoroso é um bom servo na família; ele foi criado no castelo da pré-eternidade. O senhor da pré-eternidade e da posteridade lhe confiou a tarefa de supervisionar os dois estados do ser (corporal e espiritual). Ele exerce tal vigilância a cada instante, de um ponto ao outro. Não passa muito tempo sem dar uma olhada em um clima ou outro. Devido ao seu título de investidura, está estipulado que em cada cidade que ele se encontre, uma vaca lhe seja oferecida em sacrifício pelo governante dessa cidade, pois está dito, “Deus vos ordena, disse Moisés a seu povo, que lhe seja sacrificada uma vaca” (Corão 2/63). Enquanto a vaca, que é a alma carnal, não for imolada⁵⁶, o amor não porá seus pés dentro da cidade.

No entanto, o corpo do ser humano é feito à imagem de uma cidade. Seus membros são os diferentes bairros; suas veias são os riachos que passam pelas pequenas ruas. Os sentidos são os artesãos que estão, cada um, ocupado com o trabalho que lhe é apropriado. A alma carnal é uma vaca que causa danos dentro da cidade. Ela tem dois chifres: um é a ganância e o outro, a esperança. Ela tem uma cor amarelo brilhante, agradável e enganadora. Quem fixar seus olhos sobre ela, fica encantado. “Sua cor é um amarelo puro que encanta quem a olha” (Corão 2/64). Ela não é o sábio experiente de quem se busca estar próximo para partilhar as bênçãos celestes, já que é dito que, “A benção celeste está com os vossos antigos”. Ela também não é o jovem, para o qual está suspensa a regra do dever, já que uma decisão jurídica diz que, “A juventude é um ramo que cresce entre os tolos”. Ela nada compreende dos temas religiosos, nem da filosofia. Não encontra atrativo no paraíso, e nem teme o inferno. “Para ela, nem ciência, nem sabedoria - como um dervixe ímpio, nem pátria, nem fé”.

Ela não trabalha a terra do corpo material com a disciplina do treinamento espiritual, visando tornar-se apta a receber a semente da experiência da alma. Ela não extrai, do poço da descoberta e com o balde da meditação, a Água do Conhecimento, visando alcançar o que ainda é desconhecido por intermédio daquilo que já é conhecido. Ela perambula perpetuamente dentro do deserto de sua própria fantasia, como se tivesse rompido seu freio. “Ela não serve para trabalhar a terra, e não trabalha para irrigar os campos” (Corão 2/66).

Mas, não é uma vaca qualquer que serve para este sacrifício, e não será dentro de uma cidade que se encontrará uma que convém. E não será o primeiro que passa que terá coragem de sacrificar esta vaca,

⁵⁶ É o verso 2/63 que motiva o título da segunda sura do Corão. O *tawil* desenvolvido aqui por Suhrawardi é exemplar. Em tudo o que foi dito e escrito sobre a mística do amor, muitas vezes esquecemos a lei rigorosa que ela implica.

e este favor divino não escolhe quem ou quando. “Leva anos para que, sob a ação do sol, a pedra original torne-se rubi no Badakhshan, ou ágata no lêmén”⁵⁷.

E assim termina o manual dos fiéis do amor.

Traduzido e disponibilizado por ImagoMundi em março de 2022, a partir de tradução de Henri Corbin, 1976. “*Sohravardi. L’Archange Empourpré. Quinze Traités et Récits Mystiques*”. Fayard, pp. 302-318.

⁵⁷ Observando a crescente precisão das fases da doutrina do amor: 1) Há o simbolismo do microcosmo no capítulo XI (a árvore excelente e a árvore esguia). 2) No capítulo XII, o microcosmo é simbolizado como a cidade à qual se impõe o sacrifício da vaca, tal como está estipulada a cláusula do tratado de Amor para que ele entre na cidade. 3) De onde vem o paralelismo entre o sacrifício da Árvore com o tamanho esguio (a morte do amor) e o sacrifício da vaca estipulado pelo versículo 2/63. Final: não é qualquer vaca que é digna deste sacrifício, ou seja, o sacrifício da vaca por si só não é suficiente para fazer um fiel de amor. A vaca sacrificada não é habitante de uma cidade medíocre, mas da cidade que é a de um fiel do amor.